

## OS PROCESSOS DE BUCKINGHAM E STRAFFORD

FERNANDO WHITAKER DA CUNHA

Filho de Jaime I, Carlos I herdou suas inclinações absolutistas, tentando governar a Inglaterra sem qualquer controle. As dissoluções do Parlamento, as dificuldades econômicas agravadas por insucessos militares, a manutenção de odiados tribunais, como a Câmara da Estrela e a Corte do Norte, ao depois extintos, a violação de direitos e o desrespeito à religião presbiteriana, pretendendo impor uma nova liturgia concebida pelo arcebispo Laud levantaram contra ele a opinião pública, precipitando a guerra civil, que levou à sua derrota, em Naseby, e depois à sua prisão e ao seu julgamento pelo “Longo Parlamento” (assim conhecido por ter durado 13 anos quando foi dissolvido por Cromwell, que nomeou o “Pequeno Parlamento”, como o chamou Carlyle), por ele convocado em 1640, acusado de tirania, traição e assassinato.

Seu interrogatório pelo Presidente Bradshaw foi o choque de duas concepções, porque a monarquia deixava de ser direito divino; para se submeter ao juízo dos homens. Não obstante isso, ao rei chegou a ser negada a palavra, prejudicando-se a sua defesa.

Enfrentou a execução com dignidade, em 1649, chegando a dar, ao carasco, o sinal para que o decapitasse.

Cromwell tomou de sua cabeça ensangüentada, olhando-a, longamente, como Hamlet ao fitar o crâneo de Yerick.

Todavia, a obstinação do rei em não permitir a liberdade religiosa e civil, o que impossibilitava qualquer entendimento, foi a causa principal de sua ruína, cujos precedentes se encontram nos significativos processos de seus favoritos, o Duque do Buckingham e o Conde de Strafford.

O primeiro, que servira Jaime I, exerceu grande influência sobre o filho.

Obteve alta dignidade, exercendo importantes funções. Usou do poder para satisfazer sua cupidez e a do soberano.

Foi corrupto, fechou parlamentos e arrastou o país a guerras danosas.

Inteligente, bem apessoado, tentou seduzir a rainha Ana d'Austria, irritando Luiz XIII e Richelieu (mais tarde Cromwell se aproximaria de Mazarino).

Objetivando vingar-se pretendeu, inutilmente, auxiliar os protestantes, no cerco de La Rochelle. Planejando uma segunda expedição foi ele assassinado, aos 36 anos, por Felton, um sectário, em 1628, para "livrar sua pátria de um flagelo".

Inúmeras vezes, contudo, foi tentado seu impedimento, para afastá-lo do poder, mas a proteção real lhe era um arnez invulnerável.

Conselheiro de caráter diferente foi seu rival Strafford, Defensor das Franquias, negou-se a pagar imposto ilegal, sofrendo a prisão e o exílio, mas possibilitando a adoção da "Petition of Rights" (1628), redigida por Coke. Com a morte de Buckingham, Carlos I fê-lo Presidente da Corte do Norte e governador da Irlanda.

Elevou impostos e prestou relevantes serviços quando o rei governou sem parlamento.

Pym, um parlamentar, provocou investigações contra ele, perante os Lordes, que o condenaram à morte, execução (1641) que prenunciava a do monarca.

Strafford, acusado de inspirador do arbítrio, defendeu-se danadamente.

Abandonado por Carlos I, corajoso é altivamente seguiu para o patíbulo, como o faria Robespierre, no século seguinte. "O cortejo passou próximo ao cárcere onde estava Laud, tendo então Strafford lhe enviado a saudação de despedida", relata E. Momigliano (*Cromwell*, p. 46), em lúcida biografia escudada na correspondência de diplomatas genoveses e venezianos.

Antes do golpe do verdugo, na Torre de Londres, disse profeticamente: "Queira Deus que não caia sobre vossas cabeças uma gota de meu sangue."

Foi reabilitado, no reinado de Carlos II, que, como pai, governou tiranicamente, fechando parlamentos e cercando-se de ministros corruptos, e dos que integravam o deplorável Conselho privado intitulado Cabal (Cabala), denominação tirada do nome de seus membros: Clifford, Ashley, Buckingham (filho do anterior), Arlington e Lauderdale.

Posteriormente, cairia a cabeça do rei (que morreu com dignidade e cujo corpo foi levado secretamente para ser inumado no Castelo de Windsor), significando "um caminho sem retorno" (Christopher Hill), e sob o teocrático e ditatorial governo de Cromwell, que prenunciava o Terror, sucederam-se a dissolução de parlamentos, e as execuções, que sepultavam os sonhos de liberdade, em nome da moral e do civismo.

Contudo, esse homem de bronze, que submeteu a Escócia, a Irlanda e Gales; que foi a raiz do poderio naval inglês, com o "Navigation Act",

